

(5) Até hoje só encontramos este tipo de barbilho no Alentejo, onde tem o nome de *tabuleta*; José Leite de Vasconcelos já o registou no Boletim de Etnografia, Lisboa, 1923 2.º vol. pág. 40.

(6) Encontramos este tipo de barbilho na região de Miranda do Douro.

(7) O cabresto de picos encontrámo-lo em Moura (Alentejo).

(8) Este tipo de barbilho foi registado em Trás-os-Montes, Entre-Douro-e-Minho (Resende) e no Alentejo. José Leite de Vasconcelos registou-o em Resende. Ver: «História do Museu Etnológico Português», Lisboa, 1915, págs. 402-403. Em Terra de Miranda (Trás-os-Montes) chama-se *botilho*. Diz-se: *ambotilhá-ls chibos*. (Informação de Herculano de Carvalho).

(9) Não se fez até hoje o estudo da área de difusão deste tipo, mas éle é muito comum no Entre-Douro-e-Minho e na Beira Litoral. Em Terra de Miranda (Trás-os-Montes) chama-se-lhes *cangalhas* ou *cangalhos*. (Informação de Herculano de Carvalho).

(10) A área de difusão deste barbilho também é imprecisa, mas encontra-se em vários lugares da metrópole.

(11) Precisamente a região que maior emigração tem dado para o Brasil sofreu uma transformação enorme desde o século XVI ao XVIII. De região fortemente ganadeira passou-se a uma economia agrícola superior em que os animais estabulados são alimentados com os subprodutos da agricultura. Isto impede-nos de poder reconstituir hoje alguns aspectos e instrumentos e técnicas usadas outrora.

(12) Frederico Lane, ignorando a designação portuguesa de *tabuleta*, e registando-o em uso entre colonos de origem italiana, deduziu que fosse um latinismo. Seria, contudo interessante saber se este tipo de barbilho existe também em Itália e se é conhecido por palavra semelhante. É muito natural que durante a dominação romana este barbilho recebesse já em Itália e na Lusitânia Romana o baptismo de *tabuleta*.

(13) Mesmo que a designação *tabuleta* exista em Itália, o facto da palavra ser portuguesa, indica certamente uma origem portuguesa do barbilho.

(14) O actual Museu Etnográfico de Budapeste tem três barbilhos, um dos quais igual à *tabuleta* usada em Portugal e no Brasil. Os outros dois são bastante diferentes; um é como o terceiro tipo, o cabresto de picos, mas feito de ferro e, em vez de picos, tem umas três flores de ferro com pontas aceradas. O outro é formado por quatro paus, formando um quadrado onde se enfia o focinho do animal, que é amarrado com correias. Os três paus que formam um dos lados do quadrado e os dois ângulos prolongam-se um pouco e são aguçados nas pontas, impedindo assim o vitelo de mamar.

## Adivinhas

### Introdução ao estudo de um elemento cultural

Um mínimo de objectividade crítica impõe que, ao analisar a obra de Viegas Guerreiro (1), comecemos por averiguar o objectivo por ele visado. Por outras palavras: que se determine se ele pretendeu fazer uma obra científica ou sòmente um trabalho honesto com uma finalidade diferente da que a teoria etno-

gráfica fixa à sua Ciência. Neste sentido, são bem elucidativas as palavras com que encerra o prefácio:

«Vem agora a público mais um volume da «Colecção Cultura e Recreio». Com ele a Direcção da FNAT dá novo e firme passo no prosseguimento da sua apreciável obra de divulgação cultural. A colecção é rica e variada: seiscentas e tantas adivinhas sobre mais de trezentos assuntos. E não se aproveitaram nela variantes que só por leves alterações divergissem das escolhidas. Nenhum critério de classificação se adoptou: seria tirar ao livro todo o poder de sugestão que deve ter. Disposta a matéria de modo tal que de um enigma se não parta para a solução de outro, fica assegurado ao leitor o livre e gostoso trabalho de lhes encontrar as respostas adequadas. Como nos contos e porque o livro se destina igualmente aos nossos trabalhadores, em regra pouco letrados, actualizou-se em todos os casos a ortografia.»

Como se vê pelo transcrito, ao livro em causa, sendo etnográfico (unicamente por versar uma matéria folclórica!), falta-lhe por completo a tonalidade científica. É uma obra que sai numa colecção de cultura e recreio, destinada aos trabalhadores, em que se não aproveitaram as variantes e onde nem sequer as adivinhas se encontram classificadas. Isto não quer dizer, porém, que tal livro esteja longe de merecer o interesse dos etnógrafos. Na verdade, a par de uns tantos dados de natureza bibliográfica e das adivinhas coligidas de publicações anteriores, o trabalho apresenta cerca de 170 espécies quer colhidas pelo Autor quer a ele enviadas por alguns amigos. Pena é que nem todas venham acompanhadas do nome da localidade onde foram recolhidas (2). Por esse facto o livro de Viegas Guerreiro será de indispensável consulta para a realização da tarefa urgente que é o estudo do elemento cultural *adivinha* em Portugal. Todavia — repita-se — a aparição desta obra (3), embora interessante dentro da sua finalidade, em nada modificou o *statu quo* entre nós vigente: a ausência de um trabalho tanto quanto possível *total* versando a presente matéria.

E é em vista a ele que eu me permito fazer agora algumas sugestões.

Archer Taylor, ao publicar em 1939 a sua *Bibliography of Riddles* (4), recensou a existência, em todo o Mundo, de cerca de mil obras dedicadas a esta matéria. Nela, como era de prever, figura um diminuto número de trabalhos portugueses. E se tal até certo ponto, se explica pelo habitual ostracismo a que as coi-

sas portuguesas se encontram votadas no âmbito internacional, também tem a sua razão de ser na circunstância da investigação deste elemento cultural, entre nós, se ter situado num segundo plano. De facto, a enorme quantidade de adivinhas que, até hoje, em Portugal viu a luz do dia, encontra-se dispersa por um sem número de trabalhos versando os assuntos mais díspares. Surgem neles, normalmente, como Pilatos no Credo. Uma vez em maior número outras vezes só uma meia dúzia, vêm quase sempre desamparadas de qualquer comentário (quando muito acompanham-nas um ou outro elemento comparativo). Os trabalhos de maior fôlego são raríssimos e determinados, quase sempre, por intenções diferentes das estritamente científicas. E acresce que, não obstante já estarem publicadas umas largas centenas de adivinhas, se nós as distribuirmos numa carta de Portugal, verificaremos haver largos espaços brancos, quer dizer: sectores em que a investigação se não realizou. Isto prova que neste campo (como em muitos outros) se tem trabalhado ao acaso, sem plano, por inspiração de momento, por puro diletantismo.

Esta é a situação da investigação, no nosso País, deste elemento cultural. Portanto, a fim de se levar a cabo a tal obra tanto quanto possível *total* de que acima falei, impõe-se desde logo o inventário sistemático do que existe. Terão de percorrer-se todas as obras quer sejam da especialidade quer literárias ou almanaques. É isto nas coordenadas tempo e espaço. Quer dizer: entendo que se não deve fazer cavalo de batalha com a dicotomia eruditas-populares (uma tal discussão seria retrotrair a um passado da teoria etnográfica em que avultava o problema de se saber em que medida o *povo* — classe social — tinha capacidade criadora ou mostrava receptividade à cultura erudita), atendendo-se antes a que, sendo a adivinha um elemento compreendido na categoria *popular* (entenda-se esta como um dado de natureza psicológica), é um apanágio, em maior ou menor grau, de todas as classes sociais e elemento de uma cultura.

Realizado isto, seguir-se-á a distribuição cartográfica das diferentes espécies. E em face do conjunto assim obtido, elaborar-se-á um inquérito a distribuir e determinar-se-ão as áreas em que terá de recair a investigação directa. Ora ambas as tarefas pressupõem, a fim delas se poder tirar o máximo de rendimento, a noção exacta da problemática geral da Etnografia e da Etnologia.

Deste modo, considerar-se-á que, sendo a adivinha um elemento de cultura, esta, desde que humana, não existe independentemente do homem que, por sua vez, vive em sociedade (5). Por outras palavras: sendo a cultura, humana, os dois termos terão a mesma valência (6). Como escreveu Florestan Fernan-

des (7), «as adivinhas não existem *por si e para si*, mas como realidades anímicas, que se integram dinamicamente no comportamento humano, constituindo por isso uma função dos processos que preservam ou modificam as estruturas sociais». De facto, a abstracção e o imobilizar realidades que por natureza são humanas e dinâmicas são os dois grandes vícios que têm atormentado a nossa investigação e que se torna necessário eliminar. Nestes termos, ao elaborar o inquérito e ao fazerem-se os trabalhos de campo, impõe-se que se atenda não só à adivinha *em si* mas também *a quem* a diz, na sua dupla dimensão psíquica e social.

Uma vez na posse dos elementos de trabalho, terá de se proceder à determinação das *áreas culturais* e à incorporação daqueles nos diferentes *complexos*. E neste momento surge algo que importa considerar e que se deve igualmente ter presente na investigação, a fim de esta se projectar num máximo de utilidade: é que, se para a Etnografia são importantes as variantes, são-no muito mais as constantes. E será, então, na posse de todos estes elementos que se dará o passo final, numa tentativa para inferir da causalidade profunda que liga este elemento da cultura a determinadas sociedades e personalidades modais, da própria dinâmica das adivinhas. Atender-se-á ao ajustamento do seu conteúdo aos *status* sociais em causa, à sua variabilidade formal, verificar-se-á a existência ou não existência, dentro de uma determinada sociedade, de aculturações, e em que medida elas são meras sobrevivências de estados culturais ultrapassados.

Em síntese: de todo o esforço para se levar a cabo o estudo deste elemento cultural deverão resultar duas obras — uma, um catálogo pròpriamente dito (que conterà todas as indicações capazes de possibilitar o levar a bom termo a execução da segunda), a outra, um trabalho de interpretação. Sendo a primeira mais trabalhosa e fundamental, nela se terá presente que as próprias adivinhas licenciosas ali devem ser incluídas. Na segunda, a mais difícil (devendo, por conseguinte, ser levada a cabo por quem, a par de uma sólida formação científica, dispondo de um autêntico conhecimento da realidade portuguesa e de um espírito apto a trabalhar na fronteira da Ciência com a Arte), não se esquecerá que a possível razão porque os etnógrafos, até hoje, não conseguiram dar uma definição sintética satisfatória da adivinha (com consequente refúgio em definições analíticas) é a circunstância de eles terem vindo a descuidar-se dos processos psíquicos conectados com este elemento de cultura (7).

Lisboa, Maio de 1958.

CARLOS LOPES CARDOSO.

